

Anais da **1ª FEIRA DO CONHECIMENTO E INOVAÇÃO (FCI)**



PARTE III

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira, Artes e Educação Física)

Os trabalhos publicados nestes Anais foram apresentados na 1ª Feira do Conhecimento e Inovação (FCI) do Colégio Militar de Santa Maria (CMSM), realizada no dia 15 de setembro de 2018 e tiveram seus resumos expandidos encaminhados pelos autores e aprovados pela Comissão Organizadora. O conteúdo dos trabalhos é de inteira responsabilidade de seus autores e, nestes Anais, são sendo apresentados por áreas do conhecimento sem qualquer ordem pré-definida.

Índice de trabalhos

Toda memória tem uma história: A narrativa memorialística no ensino fundamental	2-4
ORIENTADORAS Prof. João Batista de Borba e Prof.ª M.ª Aline Pegoraro	
Ultrarromantismo e tuberculose: uma possibilidade de estudo interdisciplinar	4-7
ORIENTADOR Prof.ª Dra. Daiana Sonego Temp e Prof.ª M.ª Deise Redin Mack	
A linguagem da fotografia como construção poética e possibilidades de criação	8-10
ORIENTADOR Prof.ª M.ª Luciana Azambuja Alcântara	

Toda memória tem uma história: A narrativa memorialística no ensino fundamental

Every memory has a story: The memorialistic narrative in elementary school

ESTUDANTES

Giovana Costa Chaves, Anna Carolina da Rosa e Janaina Giacomini de Souza

ORIENTADORAS

Prof. Esp. João Batista Ferreira de Borba e Prof.^a M.^a Aline Pegoraro

E-mail: joabatistaferreiradeborba@yahoo.com.br

Introdução

O presente trabalho relata a nossa experiência na realização de um projeto intitulado Memórias Literárias: Toda memória tem uma história, no qual trabalhamos no 8º ano do ensino fundamental o gênero literário Memória. Durante a execução do projeto, buscamos estimular os alunos a despertar a liberdade de escrita nos textos, permitindo que trabalhassem com algo que é de conhecimento pessoal e que não se adquire em livros, mas em suas próprias histórias. Desse modo, além da aproximação com a leitura e com a escrita, também tiveram a oportunidade de aprender a compreender e identificar recursos linguísticos utilizados no gênero Memória.

Segundo Maciel (2013), no Brasil as Memórias iniciaram-se com Visconde de Taunay por volta de 1890. Em seus textos encontram-se reminiscências de alguém que viveu no Segundo Império, com um olhar único de quem volta ao passado para reconhecer os acertos. O seu passado se refere à monarquia no Brasil. Taunay se compromete a não abandonar a linguagem literária, apesar de afirmar que narra segundo um critério próprio, apresentado por ele como mais próximo do real.

Tomamos como referência Pedro Nava, escritor memorialista, em que aborda como tema central a linguagem poética da memória. Memórias são textos produzidos para rememorar o passado, vivido ou imaginado, para isso as palavras devem ser escolhidas com cuidado, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias. Essas narrativas têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor no passado e contadas como são lembradas no presente. Há situações em que a memória se apresenta por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós. Em outras, a memória é despertada por uma imagem, um cheiro, um som.

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho – porque só este sabe que existiu em determinada ocasião o indivíduo cujo conhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética. (NAVA, 1974, p.17)

Desenvolvimento

Este trabalho se desenvolveu nas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental. Inicialmente os alunos foram apresentados ao gênero Memória Literária para posteriormente ser realizada uma discussão sobre as características do gênero em questão.

Observadas essas características específicas, enfatizamos também os aspectos linguísticos presentes na memória literária que a diferenciam de outros tipos de texto. Ressaltamos que o uso da linguagem poética como aspectos determinantes do gênero. Após esclarecidas as características do gênero propomos também questões de interpretação de texto.

Posteriormente a essas aulas iniciais de reconhecimento do gênero, propomos aos alunos que realizassem com seus familiares, preferencialmente pessoas mais velhas, um questionário com perguntas como:

- a. *Como era a casa em que o senhor (a) nasceu?*
- b. *Como era o quintal da sua casa?*
- c. *Em que os pais do senhor (a) trabalhavam?*
- d. *Como era a vida para a família do senhor (a) naquela época?*
- e. *Quais as brincadeiras que havia quando criança? Como eram?*
- f. *Indique um fato marcante na sua infância/adolescência.*
- g. *Como eram os transportes naquela época?*
- h. *Como faziam para visitar os parentes e amigos?*
- i. *Em que cidade moravam na infância e juventude?*
- j. *E as festas, os eventos sociais, os bailes, como eram?*
- k. *O senhor (a) sente saudades daquele tempo?*
- l. *Quais os costumes que ainda mantêm no dia a dia?*
- m. *Era boa a vida antigamente?*
- n. *O que de bom existia antes e atualmente?*

Após a realização do questionário, propusemos que os alunos redigissem um texto em 1ª pessoa, utilizando as informações obtidas através do questionário. Além da escrita e reescrita da memória, solicitamos que os alunos tirassem uma selfie com o familiar o qual foi entrevistado para a escrita da memória. Essa materialização fotográfica os ajudou a verificar a importância da memória para unir gerações.

As memórias são, antes de tudo, uma forma narrativa literária que promove um retorno temporal por parte do eu-narrador com o intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, do qual este eu-narrador escreve MACIEL (2013, p. 551).

Esse tipo de narrativa aproxima os ausentes, compreende o passado, conhece outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar e representa possibilidades de entrelaçar novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores. As histórias passadas podem unir moradores de um mesmo lugar e fazer que cada um se sinta parte de uma mesma comunidade. Isso porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. Esse encontro é uma experiência humanizadora.

Para corroborar com nossa perspectiva de trabalho, citamos Porto (2011, p. 210) em que menciona que

Ler, falar, escrever são práticas da linguagem, da expressividade, da diversidade léxica, da diversidade semântica. Quando lemos, falamos ou escrevemos entramos em sintonia com a realidade e/ou com a imaginação, unimos passado, presente e elaboramos perspectivas para o futuro. Como sujeitos históricos e sociais que somos, lemos, falamos ou escrevemos sempre de um determinado lugar, de um determinado tempo, com determinadas concepções de mundo. Toda nossa leitura está impregnada de impressões muito pessoais, subjetivas; mas toda nossa leitura parte de uma cultura socializada que cria e guarda as palavras que também simbolizam um universo coletivo de referências (PORTO, 2011, p. 210).

Para a autora, uma infinidade de vozes convivem dentro de cada um de nós e dessa forma uma infinidade de vozes nascem das narrativas memorialísticas“ a voz do passado amalgamado às vozes do presente e da esperança de futuro”. Utiliza-se também da metáfora da memória como fio, um fio que une as narrativas que nos habitam, que tece a história, da nossa rua, da nossa casa e nossa cultura, que nos transforma no que somos.

Referências

MACIEL, Sheila Dias. **Sobre a tradição da escrita de memórias no Brasil**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 551-558, out./dez. 2013

NAVA, Pedro. **Baú de ossos (Memórias/1)**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. Narrativas memorialísticas: memória e literatura. **Revista Contemporânea de Educação**. Nº 12, 2011. Disponível em http://www.fe.ufrj.br/artigos/n12/11_Narrativas_Memorialisticas_Memoria.pdf, acesso em 03/09/2018.

Ultrarromantismo e tuberculose: uma possibilidade de estudo interdisciplinar

Ultra-romanticism and tuberculosis: a possibility of interdisciplinary study

ESTUDANTES

Danielle Garrot FAVARIN (F3), Laura LENCINA dos Santos (F2), MARCO Antônio da Rosa SOARES (F2)

ORIENTADORAS

Prof.ª M.ª Deise Redin Mack, Prof.ª Dra. Daiana Sonego Temp

E-mail: deiseredinmack@yahoo.com.br, daianatemp@yahoo.com.br

RESUMO: Durante as décadas de 1850 e 1860, aproximadamente, os autores vinculados à estética romântica desenvolveram uma produção literária caracterizada por apresentar pessimismo, inadequação à realidade e desgosto de viver. Nessa época muitas pessoas foram acometidas pela tuberculose. Essa doença era muito comum também entre os autores, em razão de seus hábitos de vida que levaram à disseminação dessa enfermidade entre eles. E essa realidade pode ser percebida na leitura dos textos literários do período. Diante disso, busca-se, com este projeto, identificar na materialidade linguística do ultrarromantismo brasileiro referências à tuberculose. Para tanto, será realizada uma pesquisa analítico descritiva, tendo por referencial teórico a linguística da enunciação, que volta seu olhar para os efeitos de sentido que emergem do texto, iluminados pelos conceitos biológicos referentes à epidemiologia da doença. Justifica-se este estudo pela contribuição que poderá dar na busca de um ensino interdisciplinar que provoca reflexões, levando o aluno a uma formação crítica e autônoma na medida em que é protagonista no processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Ultrarromantismo; tuberculose; interdisciplinaridade.

Introdução

O presente estudo tem por objetivo analisar textos do ultrarromantismo a partir dos pressupostos teóricos da Linguística da Enunciação (LE), bem como biológicos acerca da tuberculose, doença que esteve muito presente no período literário em questão e que ainda hoje preocupa a população tendo em vista que nunca foi erradicada, mas que está controlada segundo o Ministério da Saúde. A tuberculose é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria *Mycobacterium tuberculosis* (Bacilo de Koch), identificada, em 1822, pelo médico alemão Roberto Koch.

O contágio, de acordo com Rieder (2018), ocorre, principalmente, de forma direta (de uma pessoa para outra) através da inalação de partículas que o contém o bacilo. Pessoas infectadas dispersam o bacilo quando fala, cospem, espirram ou tosem, ou seja, a contaminação se dá por meio do uso compartilhado de talheres e copos, além do contágio pelo beijo. Após a contaminação, a bactéria infecta os alvéolos pulmonares onde é fagocitada pelos macrófagos (células de defesa), mas não é destruída sendo que começa a sofrer repetidas divisões celulares aumentando em número exponencial (TIERNEY; NARDELL, 2018). No ano de 2016, 1,7 milhões de pessoas morreram em decorrência da tuberculose.

Segundo Tierney e Nardell (2018), o quadro clínico inicial é geralmente assintomático, porém a transmissão já acontece. Os primeiros sintomas que surgem são tosse, febre, sudorese, apatia e emagrecimento. À medida que a doença evolui aumenta a produção de secreção pulmonar (escarro)

que podem vir acompanhado de sangue. A evolução da doença, quando não tratada, leva ao óbito indivíduo em decorrência da perda da capacidade respiratória e da generalização da infecção para diferentes órgãos.

O tratamento para a tuberculose, iniciado da década de 1950 com a descoberta da estreptomicina, é realizado, conforme Gonçalves (2018), a partir de um esquema medicamentoso (antibióticos) como rifampicina, isoniazida e pirazimida. Esse tratamento é fornecido, de forma gratuita, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), porém parte dos infectados não realiza corretamente a medicação, pois o tratamento perdura, em torno, de 8 meses, de acordo com o que manifesta o Ministério da Saúde. Para Pereira et al. (2018), é de extrema importância a vacinação contra a tuberculose por meio da vacina BCG (*Bacillus Calmette-Guérin*) adotada no Brasil desde 1927 e aplicada, em uma dose, no recém-nascido logo nos primeiros dias após o nascimento.

Nas décadas de 1850 e 1860, a tuberculose se tonava muito presente entre os literatos, que tinham hábitos noturnos e sociais que possibilitavam que se contraísse a doença e que fosse disseminada entre os pares, originando uma geração que sofria do mal-do-século. Esse momento de tensão inspirou a produção de textos marcados pelo gosto do sombrio, do noturno, da melancolia e do tédio (BUENO, 1995). Por essa razão, buscamos junto à LE, subsídios para verificar na materialidade linguística as marcas desse momento que viviam os grandes escritores do ultrarromantismo.

A LE é um campo de pesquisa formado por teorias enunciativas. Tratar um objeto pelo olhar da Enunciação implica pensar nas marcas linguísticas da enunciação do sujeito deixadas em determinada materialidade. O ponto de vista enunciativo está voltado aos efeitos de sentido que emergem dessa materialidade em qualquer nível linguístico, conforme o que dispuser cada *corpus* e de acordo com o olhar de cada pesquisador.

Desenvolvimento

Neste trabalho, adotamos como método de análise os pressupostos do paradigma indiciário. Segundo Ginzburg (1989, p. 152), o paradigma indiciário revela “um saber de tipo veneratório”, caracterizado pela “capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diariamente”. Esse modelo epistemológico nos auxilia na medida em que a análise de marcas, como palavras que remetem à tuberculose, vão nos levando para a identificação dos efeitos de sentido que emergem do enunciado, numa tentativa de compreender ainda mais o discurso ultrarromântico. Portanto, ao passo que fomos apresentando a análise dessas palavras, pretendemos mostrar a relação entre o ultrarromantismo e a tuberculose que emerge da materialidade linguística.

Para tanto, serão analisados dois poemas de Álvares de Azevedo (AZEVEDO, 2000), bem como um romance de Camilo Castelo Branco (CASTELO BRANCO, [sd]). Nosso objetivo com essas análises será identificar em cada um deles as referências à tuberculose, doença bastante comum no século em que foram escritos os textos, ao que chamamos de marcas, indícios.

Análise dos Poemas

O primeiro poema analisado intitula-se “Sonhando” e é formado por 9 estrofes, cada uma com oito versos, sendo 4 desses hendecassílabos e 4 pentassílabos, configurando essas rimas alternadas do tipo ababacdc. Ao longo do poema é possível notar a presença de uma espécie de estribilho - *refrão* - visto que o último verso (“*Tem pena de mim!*”) é comum em todas as estrofes, assim como a repetição da rima C (“*assim*”) no sexto verso de cada uma.

O poema gira em torno das lamentações do eu-lírico ao observar sua amada, já fraca devido à patologia, correr pela orla da praia à noite - *estrofes 1 e 2* - e descreve, lentamente, a morte da mesma nas margens do mar - *estrofes 3 à 9*. Além de detalhar a morte da moça, o autor ainda se apoia na pontuação dos versos para expressar as emoções do eu-lírico frente a doença e morte de sua amada, evidenciando os apelos do mesmo para que a mulher não o deixe.

Em relação à doença em questão, a tuberculose, logo no início do poema - como nos fragmentos *“Na praia deserta que a lua branqueia”* (e.1, v. 1)/*“De noite, aos serenos, a areia é tão fria”* (e.2, v.3) - pode-se notar os hábitos noturnos, comuns à época de escrita do mesmo, que eram definitivos para o desenvolvimento da doença. Além disso, a descrição da amada feita pelo eu-lírico atribui à ela um aspecto doentio através da palidez, frieza do corpo e presença de suor frio no rosto - *“Tão pálida... ao vê-la meu ser devaneia,”* (e.1, v.3)/*“A mão regelada no colo pousou!”* (e.4, v.4)/*“Dormia: - na frente que níveo suar...”* (e.6, v.1), sinais característicos dos estágios finais da tuberculose.

O segundo poema em análise neste estudo tem como título *“Tarde de verão”* e é formado por 12 quartetos com versos decassílabos, possuindo rimas intercaladas do tipo abcb. Além do uso da pontuação nos versos, o autor se utiliza de muitas comparações - *como no fragmento “Como à brisa vernal na relva mole; O pessegueiro em flor derrama flores”* (e.9, v.3 e 4) - e metáforas - *como em “Árvore florescente desta vida [...] Derrama no meu seio as tuas flores”* (e.10, v.1 e 3), *onde o eu-lírico se refere à árvore florescente como sua amada* - para descrever sua amada e o ambiente a sua volta.

O eu-lírico, já no leito de morte devido à doença, encontra-se exilado do convívio social e clama para que o deixem partir em paz - *estrofes 2 e 3* - desejando que pudesse estar com sua amada. Ao longo do texto observamos o poeta lamentar a falta da mulher que ama, imaginando como o lugar ao seu redor ficaria em sua presença, enaltecendo a beleza de seu amor ao passo que engrandece o vale como se ela estivesse ali. Ao final do poema - *estrofes 11 e 12* - podemos ainda, perceber que o eu-lírico convoca sua amada para deitar-se com ele no leito que preparou na praia, mas ao fim do poema, descobrimos que não passou de um devaneio do poeta.

A respeito da tuberculose, no começo do poema, é evidenciado que o eu-lírico está à beira da morte e que sofre com febres frequentes - *“Deixai que eu morra só! enquanto o fogo; Da última febre dentro em mim vacila,”* (e.2, v. 1 e 2) - sintoma característico da doença. Além disso, uma das formas de tratamento da tuberculose, nesta época, era o afastamento do convívio social para lugares menos conturbados, onde se poderia promover a melhora do infectado através de descanso e isolamento da bactéria *Mycobacterium tuberculosis*. Por isso, o poeta encontra-se longe da vida urbana - *“Se ela estivesse aqui! no vale agora”* (e.5, v.1) - em um lugar com a presença da natureza, como é descrito ao longo do texto, onde é capaz sentir-se melhor - *“Posso aqui respirar mais livremente; Sentir ao vento dilatar-se a vida,”* (e.4, v. 2 e 3).

Análise do romance

O romance *Coração, cabeça e estômago*, de Camilo Castelo Branco, é dividido em três partes que retratam a vida do personagem principal, homem este que convive com pessoas acometidas pela tuberculose, principalmente seu melhor amigo e sua irmã. A temática da tuberculose está presente em todo o texto. Na página 2, o narrador se refere aos sintomas iniciais da doença: *“O nosso amigo começou a queixar-se de falta de apetite, e frialidade do estômago...”*, já na página 5 os sintomas aparecem com mais gravidade *“senti-me febril e catarral, ... estive onze dias de cama. Quando me ergui, magro e lívido (...); os onze dias de catarro me estragaram os brônquios para sempre”*.

O personagem vivencia a doença da irmã e na página 28 relata, com muita dor, o momento que visita a mesma doente em um hospital: *“(...) vi que estava toda desfigurada, consultei a enfermaria e soube que minha irmã estava mortalmente doente de tubérculos pulmonares”*. O texto continua descrevendo a decadência física do personagem indicando situações em que o mesmo, com seus amigos, é exposto a fatores de risco, como apresentado nas páginas 7, 30 e 33, respectivamente: *“prostitutas amavam toda a gente; embriagado, libertino; tresnoitadas”*.

Na página 29 o narrador começa a apresentar o agravamento da doença: *“tosse tísica, acesso violento de tosse e golfo de sangue; abatimento, palidez, magreza, olhos apagados, tubérculos pulmonares, pulmões obstruídos, depravação do nervo óptico e desordens digestivas”*. É interessante

mencionar também que, na página 33, é feita referência a um tipo de tratamento caseiro: “*bebeu vinagre com pó de telha*”.

O personagem principal, em alguns momentos, comenta que passava pó branco no rosto e violeta genciana nos olhos para aparentar um “ar doentio” compatível com a classe social “libertina, desregrada” da qual fazia parte. Após a morte da irmã e do amigo, revolta-se com o tipo de vida adotada por eles e menospreza as prostitutas que, no início da juventude são coradas e acabam a vida pálidas e cuspidando sangue.

Conclusão

Tendo em vista a análise exposta, realmente a tuberculose está marcada nos textos do ultrarromantismo. As palavras que se referem aos sintomas da doença, bem como aos métodos de tratamento correspondem ao que biologicamente se diz acerca dessa patologia. Diante disso, fica evidente que a leitura realizada sob a luz da interdisciplinaridade torna-se muito mais significativa, uma vez que conceitos, desconhecidos anteriormente ao estudo, nessa perspectiva podem agora facilitar a identificação de mais efeitos de sentido.

Referências

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

CASTELO BRANCO, Camilo. Coração, cabeça e estômago. 2 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, LD, [sd].

BUENO, Alexei. (Org.) Grandes poemas do Romantismo brasileiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FLORES, V. N; TEIXEIRA, M. Introdução à lingüística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2008.

GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Helen. A tuberculose ao longo dos tempos. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300004> Acesso em 06 set 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de recomendações para o tratamento da tuberculose no Brasil. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_recomendacoes_controle_tuberculose_brasil.pdf>

Acesso em 06 set 2018.

MONTENEGRO, Tulo Hostílio. Tuberculose e literatura: notas de pesquisa. 2 ed. Rio de Janeiro: A casa do livro, [sd].

PEREIRA, Susan et. al. BCG vaccine against tuberculosis: its protective effect and vaccination policies. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41s1/6492.pdf>>. Acesso em 06 set 2018.

RIEDER, Hans L. Bases Epidemiológicas do Controlo da Tuberculose. Disponível em: <

<https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/bases-epidemiologicas-do-controlo-da-tuberculose.aspx>>

Acesso em 05 set 2018.

TIERNEY, Dylan; NARDELL, Edward. Tuberculosis (TB). Disponível em:

<<https://www.msmanuals.com/professional/infectious-diseases/mycobacteria/tuberculosis-tb>> Acesso em

06 set 2018.

A linguagem da fotografia como construção poética e possibilidades de criação

A language of photography as construction Poetics and creative possibilities

ESTUDANTES

**Maria Back (A3), Vilmar (A3), Diandra (A3), Lara (A3), Manuela Zambeli (A3),
Mariana Machado (A3), Ingrid (B1), Júlia Santos (B3), Ana Rita (B3).**

ORIENTADORA

Prof.^a M.^a Luciana Azambuja Alcântara

RESUMO: O estudo propõe desenvolver nas aulas do Clube de Artes do Colégio Militar de Santa Maria, a proposta prática e exibição de uma atividade baseada na fotografia - construção poética de imagens. Uma tarefa na qual os alunos, por meio de um tema gerador, irão captar no ambiente escolar imagens/detalhes através da fotografia digital, fazendo jogos de imagens combinatórias, mesclando mídias analógicas e digitais. A intenção é fazer com que o aluno busque um olhar diferenciado/artístico, do que passa despercebido em seu cotidiano, reflexão sobre o mesmo, trabalhando a percepção e a criação de novas possibilidades artísticas também utilizando o desenho. Nesta proposta, será feita antes da prática do estudo da fotografia, com referencial teórico baseado em autores que utilizam essa linguagem artística como foco de pesquisa no contexto da arte contemporânea. A pesquisa permitirá uma aproximação de questões e concepções recorrentes na arte atual, contribuindo para a compreensão teórica desses conceitos com os alunos. E especialmente, para despertar os alunos, "novas maneiras de olhar para o seu entorno", e para poder trabalhar com arte e maneiras diferentes de se expressar.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia, criação, desenho, arte contemporânea.

Introdução

O cenário atual contemporâneo nos instiga a refletir de modo crítico sobre o que vêm ocorrendo hoje, tempo que abarca transformações nas mais variadas instâncias: históricas, culturais, políticas, sociais, aspectos inerentes a um universo em constante mutação. A arte nesse contexto também toma seu papel de destaque como agente transformador e processual de ideias, contribuindo de forma efetiva na construção e formação de pensamentos e ideologias, frente ao que chamamos de “mundo instantâneo” hoje. Remete tecermos questionamentos, a esse novo mundo transitório, ou seja, no que tange um cenário habitual de mudanças contínuas de significados que se apresentam a cada dia, e de que forma pode ser trabalhado artisticamente.

O contexto artístico reflete essas tônicas de ações e reinvenções diárias em torno do processo de aprendizagem e métodos que possibilitem ao aluno a experimentar propostas práticas de forma mais lúdica, experimental e descontraída, gerando respostas criativas, especificidades a cada produção. O lúdico em sala de aula, abre caminho para que o conhecimento seja absorvido em uma atmosfera de leveza, e de forma agradável, instiga a criatividade, a percepção, a expressividade nos diálogos com as linguagens e os meios em que transita, seja o analógico e o digital.

Objetiva-se por meio dessa proposta artística trabalhar uma poética narrativa da imagem, onde a fotografia “registro instantâneo do momento” seja o ponto de partida de um olhar atento, que se projeta e se complementa por meio do desenho que se expande além do espaço, borda da foto. A continuidade se torna infinita aqui, o limite, o finito temporário do desenho, é o aluno que decide. As misturas das linguagens: fotografia e desenho se complementam e somatizam potencialidades e novas narrativas visuais se constroem nesses processos artísticos.

Percurso narrativo - processos artísticos da fotografia ao desenho-imagem

Na atualidade contemporânea essas *visualidades* tomam diferentes dimensões criativas, onde a imagem, fonte de referência em muitos dos processos artísticos, é pautada no diálogo do artista com as coisas do seu cotidiano, do seu entorno e da sua poética de criação. Sendo assim, às questões que concernem os processos artísticos, narrativas processuais que envolvem a imagem, Rey (2004) considera em seu artigo intitulado “A instauração da imagem como dispositivo de ver

através”, aborda outras problematizações como os conceitos operatórios, procedimentos metodológicos que argumentam condutas que legitimam sua obra.

Por meio da fotografia o seu processo e narrativa, acontece através de técnicas de manipulação, tratamento da imagem fotográfica, virtualização/numerização da imagem, constituindo a instabilidade, o distanciamento do olhar; e transitando entre *aparência e aparição*. O interesse da artista é, provocar sensações por meio de um olhar em profundidade – um olhar em terceira dimensão, pela ilusão ótica e imaginária. A imagem no campo da arte, como uma linguagem representativa e geradora de construção social e cultural, expõe fatos, acontecimentos, ligados a uma realidade; representa um contexto, um momento, uma cultura, um modo de expressar-se, uma identidade visual. Atualmente estamos rodeados por elas. Associamos tudo a imagens, sejam elas das mais variadas formas de representação visual, tátil, sonora, textual, cultural, e estas, por sua vez, agregam realmente um caráter múltiplo de representação e de apresentação.

Nesse sentido, a reflexão apontada pela autora permite ressaltar que o repertório visual e representativo disposto ao nosso olhar e nossa percepção adentra um campo ampliado de mensagens visuais e possibilidades artísticas. A imagem está e esteve presente na história do mundo, como representação visual e gráfica de objetos, animais, situações cotidianas, no campo das artes visuais, em paralelo com outras áreas de conhecimento, como forma de expressão/representação e de linguagem. Segundo Santaella (1999), as imagens têm sido consideradas meios de expressão da cultura humana desde muito tempo, há milênios atrás as próprias pinturas pré-históricas das cavernas já registram acontecimentos.

Para Aumont (1993), falar de uma “civilização da imagem” é expressar todo e qualquer sentimento generalizado de se viver em um contexto que se movimenta em função das imagens, e, estas por sua vez, estão em maior número, e mais interacionais. No processo de construção de novas imagens, essa proposta prática trabalha com as potencialidades criativas em sala de aula, e no espaço ampliado ao ambiente escolar, seu entorno. Nessa prática, os experimentos artísticos trabalhados resultam nas hibridações, misturas de linguagens como a fotografia e o desenho, por exemplo. O desenho é composto por uma estrutura bidimensional que através de linhas, formas, superfícies e novos desenhos, criam-se ambientes, que percorrem espaços variados em total construção. O propósito de inacabamento de imagens nesse estudo se refere a essa dinamicidade nas criações, pois se constitui por meio de uma perspectiva permanente de mobilidade e continuidade, onde a atividade artística estará sempre em construção e redefinição.

Metodologia

Nessa proposta prática o intuito é trabalhar com o aluno, desenvolvendo sua criatividade, sua percepção, sua expressividade de forma lúdica utilizando-se de linguagens artísticas já estudadas em sala de aula e também no clube de artes. Em primeiro momento, o estudo teve como ponto de partida o uso da linguagem fotográfica, e posteriormente justapõe-se com a linguagem do desenho, propiciando no todo desse experimento artístico, que o aluno busque soluções estéticas individuais e no coletivo. Nessa etapa, foi necessário sair do contexto “sala de aula” para observar o seu entorno/ambiente escolar, ou seja, o que nos passa despercebido na rotina diária, que o nosso “olho” não está habituado a perceber. Após a captação dessas imagens, pela fotografia, a proposta de *inacabamento*, ocorre com a continuidade da imagem na linguagem artística: desenho. Foi necessário que o aluno fizesse uso da câmera do celular para a efetivação da primeira etapa prática. A teoria e esse tipo de proposta de aula já havia sido trabalhado em uma atividade semelhante com imagens de cunho esportivo (direcionado pela professora), diferentemente desse experimento, que o tema era livre, buscando captar as imagens do ambiente do colégio, sustentando a ideia do olhar mais seletivo e detalhado esteticamente.

O estudo se efetivou no Colégio Militar de Santa Maria, com os alunos do Ensino Fundamental (sexto e sétimo ano), no turno integral, Clube de Artes em um período de um mês aproximadamente.

Resultados e discussões

Esse experimento artístico foi efetuado no ambiente escolar do Colégio Militar de Santa Maria, no decorrente ano letivo, com os alunos que frequentam o Clube de Artes. Foi abordada a linguagem fotográfica como construção poética e possibilidades de criação, onde a resposta e finalização desse trabalho se mostrou de forma positiva, alcançando resultados esperados. A criatividade, comprometimento com a atividade artística foi ponto central dessa investigação. A intenção dessa proposta foi trabalhar com duas linguagens artísticas (fotografia e desenho), e com a ideia de inacabamento onde o trabalho possa ser sempre reinventado, retrabalhado de diversas formas, linguagens e materiais. Desse modo, este experimento possibilitou estudar a fotografia de forma mais prática, assim como o desenho. Percebeu-se que no decorrer dos encontros no clube de artes o interesse em trabalhar com o digital sempre se apresentou. E dessa forma, mesclar um trabalho entre os meios digitais e analógicos, contribuiu para que essa atividade final tivesse um caráter estético diferenciado, na forma de apresentar-se como resultado. O que antes era uma imagem fotográfica deu lugar para o desenho-imagem. Acredito que essa proposta instigou a criatividade, a percepção, a organização formal e espaço a ser produzido, bem como as soluções estéticas definidas em cada trabalho.

O desenho como continuidade do processo e os conceitos e a importância dessa atividade artística vêm ao encontro que de início havia proposto. E o resultado dessa experiência, são trabalhos de muita expressividade formal nas imagens apresentadas. Portanto, o contexto contemporâneo abrange um leque de possibilidades de criação seja na arte e em outras áreas do conhecimento. Nossa difícil missão enquanto professores requer buscarmos maneiras, métodos atrativos de se trabalhar com as mudanças e avanços desse mundo de efemeridades, e principalmente despertar no aluno, o envolvimento e comprometimento com a escola, seja qual for a área do conhecimento.

Referências

ALCÂNTARA, Luciana Azambuja. **O desenho-imagem: Entre[linhas] de uma poética**. Santa Maria: UFSM, 2010. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo: Papirus, 1993.

DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: SENAC, 2007.

REY, Sandra. **A instauração da imagem como dispositivo de ver através**. Revista Artes Visuais, Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, n 21, p. 33-51, 2004.

SANTAELLA, Lúcia & NÖTH, Winfried. **Imagem: Cognição, semiótica mídia**. São Paulo, 1999.